



EDUCAÇÃO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: AS POSSIBILIDADES DO LUGAR

Cristina Maria Costa Leite

Eixo Temático: Educação e Ensino de Ciências Humanas e Sociais

RESUMO

A Educação contemporânea assume a responsabilidade de habilitar o indivíduo a efetuar uma leitura original do global, no sentido de promover uma negociação entre conhecimento e as práticas locais, a fim gerar uma reflexão que se traduza em ações concretas e benéficas à sociedade onde se encontra. Nesse sentido expressa um papel resistência ao processo homogeneizador de condutas, estabelecidas e por muitas vezes impostas, por determinantes de ordem global, muito além do território local. Tal função atesta uma nova dimensão, que incorpora a responsabilidade de promover a reflexão sobre o que é ou não adequado a um determinado local, por meio do Lugar, categoria de análise do espaço geográfico, possibilidade concreta e viável à compreensão da realidade, condição para uma tomada de posição frente ao mundo.

Palavras chave: Lugar - Mediação – Educação

ABSTRACT

The contemporary Education assumes a responsibility to enable the individual to make an original reading of the global, aiming at to promote negotiations between local knowledge and practices in order to generate a discussion that will be translated into concrete and beneficial actions to society where it is. In this sense expresses a resistance to the homogenized process of behavior controlling, established and often imposed by determinants of global order, far beyond the local territory. This points out to a new dimension, which incorporates a responsibility to promote reflection on what is or is not appropriate to a particular place through the study of Places, a category of analysis

of geographic space, a feasible and practical possibility to understand the reality the condition for a position making facing the world.

Keywords: Place - Mediation – Education

EDUCAÇÃO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: AS POSSIBILIDADES DO LUGAR

Cristina Maria Costa Leite

Parte-se da premissa que a Educação auxilia o ser humano a aprender a utilizar as ferramentas de produção de significado e de construção da realidade, para adaptar-se melhor ao mundo em que se encontra. A educação fornece habilidades, formas de pensar, sentir e falar, utilizar, modificar e produzir ferramentas, assim como formas preferenciais de usar uma sequência de estratégias e lógicas que posteriormente podem ser negociadas; ela não é neutra, nem está destituída de conseqüências econômicas e sociais. Por isso a educação é sempre política, não está sozinha e não pode ser planejada como se estivesse: existe em uma cultura, que é diversa e desigual e, por conseguinte, plena de contradições e conflitos.

Neste contexto a escola constitui-se um meio para aquisição de conhecimentos e habilidades, num empreendimento educacional que inculca crenças, habilidades e sentimentos, a fim de transmitir e explicar as formas de interpretar o mundo natural e social de sua cultura patrocinadora. Assim, a escola e o processo de escolarização assumem relevante papel nas interpretações que cada pessoa constrói sobre si, sobre o outro, sobre o mundo. No desempenho dessa função, porém, a escola pode incorrer no risco de estabelecer uma determinada versão de mundo. Entretanto, esse risco é necessário para superar a estagnação e alienação, uma vez que uma educação eficaz corre riscos ao fomentar a flexibilidade.

Tais considerações prévias, indicam que a Educação assume um papel específico em relação ao contexto contemporâneo: o de elemento de resistência ao processo homogeneizador de condutas, estabelecidas e por muitas vezes impostas, por determinantes de ordem global, muito além do território local. Tal função expressa uma nova dimensão, que incorpora a responsabilidade de promover a reflexão sobre o que é ou não adequado a um determinado local. Nessa perspectiva, se insere o objetivo deste

texto: apresentar o estudo do lugar, categoria de análise do espaço geográfico, como uma possibilidade concreta e viável à compreensão da realidade, condição para uma tomada de posição frente ao mundo.

Pretende-se mostrar que tal categoria de análise, que pode transpor o campo disciplinar da Geografia, articula educação e contemporaneidade, uma vez que permite, não somente, a articulação dos níveis local/global, como também expressa uma alternativa de aprendizagem factível ao contexto escolar. Tais características evidenciam, então, um campo de discussão fértil quando se consideram as relações recíprocas entre a educação e a contemporaneidade e as possibilidades de mediação entre ambos, estabelecidas por meio do lugar.

Nesse sentido, um dos desafios que se impõe à educação no contexto contemporâneo, diz respeito à formação de capacidades críticas, para lidar de maneira propositiva, com a rapidez com que são estabelecidos novos padrões de conduta, normas e regras de convivência social que se impõem, numa dinâmica ágil, ao dia a dia do indivíduo. A ação homogeneizadora tende a neutralizar a diversidade, mediante supressão, desvalorização, mesclagem, substituição de identidades ou outras particularidades territorializadas, que não se enquadrem na lógica do mercado globalizado, característica estrutural da sociedade atual.

Considera-se, então, que os processos globais de produção do espaço tendem a homogeneizar os territórios num ritmo muito veloz: há uma crescente e paulatina sucessão de eventos que impactam diretamente a sociedade, tão rapidamente, que sequer concedem tempo para esses sejam, efetivamente, compreendidas. Quando isso começa a acontecer outro evento se sucede, substituindo o anterior. Um exemplo dessa situação diz respeito aos processos de articulação entre as pessoas, que agora adquirem a possibilidade efetiva de ocorrer em escala mundial, de modo instantâneo, simultâneo e assíncrono, num espaço virtual. Tal interação articula territórios, práticas sociais, grupos e comunidades, conhecidas ou não, inclusive por meio de redes sociais e modificam, de maneira irreversível, as formas de interlocução entre as pessoas.

Interessante observar que tal processo está totalmente vinculado à aquisição de meios materiais (telefones celulares e computadores, por exemplo), cuja oferta e facilidades para aquisição são igualmente crescentes e mobilizam o consumo, mola

propulsora do modo de acumulação contemporâneo, em escala planetária. Na prática, então, os eventos se sucedem, impactam os grupos locais, os modificam, independentemente de serem adequados ou não às comunidades que estão sendo afetadas por essas situações. Há necessidade, portanto, de compreensão desses processos para que eles sejam decodificados à luz das particularidades intrínsecas de cada comunidade. Daí a importância da educação e do lugar: a primeira como via de possibilidade para a promoção dessa reflexão, oportunidade ímpar de entendimento da realidade; a segunda, como meio para tal, diretamente relacionado às referências identitárias do indivíduo em seu território.

Neste contexto, a educação se vê diante do desafio de contribuir para a formação de um cidadão, que não se distancie da ética, que saiba não somente compreender a realidade, em todas suas complexas relações de causa e efeito, mas principalmente, ter ciência de que dispõe de possibilidade efetiva para assumir um papel ativo na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, mediante a preservação da diversidade cultural e sem abrir mão de referências identitárias e territorializadas.

As referências identitárias de vários povos e culturas são divulgadas em rede mundial e despertam simpatias e adesões. Muitas vezes, disseminadas pela possibilidade de criação de novos mercados, algumas expressões culturais tornam-se mercadorias e entram na vida das pessoas (por exemplo: comidas, bebidas, vestuário, música, comportamentos, etc), sendo incorporadas total ou parcialmente pela comunidade. Tal idéia é compartilhada por Canclini (2008) quando atesta sua posição sobre o momento atual. Para esse autor o fato de vivermos em um mundo globalizado, em permanente processo de transformação, ocasiona o estabelecimento de padrões comuns de convivência, onde ocorre uma hibridização de culturas, em virtude de deslocamentos de populações para localidades diversas, internas ou externas ao estado/região/país de origem. Desse modo, as transformações nas práticas sociais modificam as noções tradicionais de indivíduos que pertencem a um grupo cultural, que dispõem de referências estabelecidas por um determinado lugar, num específico período de tempo. Como consequência, ocorrem novos processos de negociação de significados nos diferentes fazeres de uma comunidade, no tocante à construção de uma cultura comum, evidenciando, então, novas formas de mediação.

São essas formas de mediação que conferem à educação contemporânea um papel particular e uma responsabilidade relacionada à decodificação, interpretação e apropriação desses processos. Assim, com as mudanças nos padrões de socialização, surgem novas formas de mediação nas diferentes práticas, inclusive aquelas associadas às práticas de ensinar e aprender e conseqüentemente, aos modos de se construir conhecimentos. É nesse contexto, portanto, que a educação assume uma importante expressão: habilitar o indivíduo a efetuar uma leitura original do global, no sentido de promover uma negociação entre conhecimento e as práticas locais, a fim gerar uma reflexão que se traduza em ações concretas e benéficas à sociedade onde se encontra.

Para que tal intento se traduza em termos mais concretos, algumas experiências no campo disciplinar da Geografia constituem-se adequadas. Nesse sentido, enquadra-se o conceito de lugar como categoria de análise do espaço geográfico. A utilização desse conceito no contexto das relações de ensino aprendizagem, notadamente naquela área do conhecimento, propicia a oportunidade de conhecimento acerca de um lugar específico, que contém e expressa características de outras localidades, uma vez que os processos que modelam o espaço são universais, atingindo-os como um todo.

Em outras palavras, como a produção do espaço é um processo que se constitui em escala mundial e essa dimensão não é concreta, a despeito de se estabelecer concretamente no território, o lugar se apresenta como a via onde a abstração da produção do espaço se materializa:

“O lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a perspectiva de se pensar seu processo de mundialização. O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis” (Carlos, 2007, p.52).

Assim, a expressão específica do lugar constitui-se, então, uma via de oportunidades para o conhecimento de significados locais e de explicações sobre si, o outro e o mundo.

Nessa perspectiva, conhecer um lugar é um processo de desvelamento. É um processo porque evidencia um continuum ao longo do tempo, numa dinâmica de interação paulatina e progressiva do indivíduo com o meio que o cerca, o circunscreve, o limita, o impulsiona. É desvelamento porque o lugar é percebido de distintos modos,

ângulos, perspectivas de vida – individuais e coletivas- em consonância com os interesses e propósitos de cada momento, de determinada conjuntura, de específico contexto. Conhecer o lugar é uma possibilidade – sempre- de amadurecimento; de desenvolvimento do sentido de identidade, de pertencimento a algum grupo, a um dado espaço, a um território, a uma cultura, a referências simbólicas; à identificação de simpatias/antipatias, inclusão/exclusão.

Conhecer o lugar é fundamental ao estabelecimento de uma noção de cidadania, na medida em que essa signifique a consciência de que deveres e direitos constituem os dois lados de uma mesma moeda e que demande atitudes coerentes em relação à vida em sociedade. Conhecer o lugar é uma construção: das referências pessoais e coletivas, da apreensão da realidade, da percepção das diferenças, da dialética do viver. Conhecer o lugar é uma atividade complexa, portanto. Prescindir da oportunidade de descoberta deste processo, perder tal desvelamento, constitui-se uma restrição, impossibilidade, prejuízo ao desenvolvimento pleno do ser. Resulta em perda da identidade, de referências culturais. Gera descompromisso, alienação. Suprime a diversidade, oculta as especificidades, homogeniza. Transforma o indivíduo em massa de manobra. Gera preconceito, segregação, violência. No mundo em que vivemos, desconhecer o lugar se traduz em perda: pelo distanciamento dos referenciais específicos da própria cultura; de elementos específicos do território que lhe conferem identidade, a legitimam, diferenciam uma comunidade, inclusive em relação ao território.

Percorremos diversos caminhos, buscamos coisas, traçamos percursos adaptados às nossas necessidades, elencamos os trajetos alternativos, olhamos a paisagem...Sentimo-nos dentro ou fora, partícipes ou não dessa visão. Mas, muitas vezes, passamos pelos lugares e não os conhecemos. Talvez, sequer percebamos sua existência. Os destituímos de nossas vidas sem dimensionar sua importância. Não conhecemos os lugares. Não temos tempo. Em algumas situações, nem queremos isso. Nem sabemos por que e para quê isso serve. Distanciamos-nos dessa intenção. Não temos tempo para isso. Tais constatações evidenciam que conhecer o lugar exige treino ou, pelo menos, disposição para uma empreita que, ao final, nem é tão complicada. Assim, antes de sistematizar algumas idéias orientadas à prática de desvelamento do lugar, torna-se importante ressaltar o significado e a função do conceito de lugar associado à educação.

O lugar é, então, uma via de referências do indivíduo, que transcende ao aspecto puramente locacional, pois assume significados associados à história de vida de cada um, num particular momento da história, num determinado padrão cultural. “Criado pelos seres humanos para os propósitos humanos” (Tuan, 1980) o lugar expressa a intencionalidade do indivíduo, na relação entre as próprias intenções e os seus atributos objetivos. É essa relação de intenção do indivíduo com o lugar, que lhe confere identidade e significado. Assim, o lugar serve para conferir noção de pertencimento ao indivíduo. A noção de pertencimento implica em ações objetivadas no sentido de que o indivíduo não é passivo nem tampouco alheio às circunstâncias. Ele age e reage de um modo mais efetivo e intencional. Significa uma tomada de consciência sobre sua própria história, na perspectiva de sua própria participação e conseqüentemente, de sua cidadania.

Diante do exposto, pretende-se sintetizar uma experiência concreta em um contexto de aprendizagem, que expressa a prática dessas considerações de ordem teórica. Trata-se de um trabalho de pesquisa realizado por ocasião da oferta de uma disciplina em Geografia, orientada à formação de professores do curso de Pedagogia. Essa oportunidade promoveu o (re)conhecimento de um determinado lugar – uma cidade do Distrito Federal – com o objetivo de promover a reflexão sobre a própria realidade, identificar as referências concretas e afetas a esse lugar específico e sistematizar tais informações, para serem utilizadas nos processos educativos em geral.

A condição estabelecida, à priori, para a participação na pesquisa referia-se ao estudo lugar de moradia do aluno. Nesse sentido, foram estruturados grupos que tinham como ponto comum o lugar/cidade de moradia. Após as leituras iniciais de orientação foram definidos os procedimentos relativos ao levantamento de informações sobre a cidade a ser estudada, na perspectiva das fontes oficiais¹. Posteriormente, tais informações foram sistematizadas e espacializadas², gerando o texto base sobre o lugar. A partir desse, então, cada grupo debruçou-se sobre as informações oficiais e passou a analisá-las de modo crítico. Isso ocasionou a contestação, correção, complementação às informações sistematizadas e acréscimo de novas. Também foram estabelecidos novos procedimentos de investigação, como por exemplo, entrevistas com moradores antigos da cidade e de outras pessoas consideradas “heróis do cotidiano”³.

No curso desse processo foram surgindo questões que chamaram atenção do grupo e a partir disso, hipóteses de trabalho foram definidas e testadas. Esse procedimento promoveu: a oportunidade de conhecimento da cidade de moradia; identificação de práticas exclusivas ao local, assinalando traços de uma identidade particular, fortemente vinculado ao território; organização da memória sobre o lugar, a partir de depoimentos de moradores antigos; identificação dos “heróis do cotidiano”; valorização dos espaços e imediata constatação de que outros demandam ação organizada da sociedade para que sejam recuperados e/ou preservados; identificação dos processos de produção do território, bem como a temporalidade de cada um.

À medida que as espacializações iam sendo construídas, delineava-se uma visão da totalidade urbana desta localidade: constatava-se o processo de expansão urbana e, nesse sentido, identificavam-se as probabilidades de futuros problemas. Como exemplo merecem destaque: os locais passíveis de erosão e contaminação ambiental; áreas em processo de valorização pela proximidade aos serviços urbanos básicos (seletividade espacial) e vice-versa (marginalização espacial); áreas sujeitas à especulação imobiliária (antecipação espacial); áreas marginalizadas física e socialmente (marginalização espacial); áreas como reserva de valor pelo potencial natural (seletividade e antecipação espacial), entre outros.

Essas constatações demandaram aprofundamento teórico em termos de conhecimento sobre a dinâmica da paisagem local. Desse modo, tornou-se necessário recorrer não somente à literatura específica, como também à linguagem cartográfica, para identificar como e em que medida as características físicas da paisagem daquele lugar (solo, geomorfologia, vegetação, hidrografia e clima) se relacionavam às ações antrópicas que o produziram.

Essa atividade revelou-se extremamente interessante por subverter a ordem com que, tradicionalmente, são estudados os elementos físicos de uma determinada paisagem, atestando ainda, a superação de uma abordagem positivista dos conteúdos em geografia⁴. Nesse sentido foi a identificação e análise das principais características sócio, econômicas, políticas e culturais da cidade que, espacializadas, permitiram a compreensão sobre os aspectos físicos da paisagem, cuja apropriação construiu o território em estudo

A última etapa dessa investigação, expressa pela constatação dos processos espaciais que ocorriam no lugar (no presente caso, os processos de antecipação, seletividade e marginalização espacial), permitiu concluir que os processos que produzem os espaços são comuns e extrapolam o território. Além disso, foi possível identificar como o lugar concretizou tais ações e como as marcas do lugar foram sendo impressas na paisagem.

Ao final dessa pesquisa, a posição dos grupos de alunos em relação ao seu próprio lugar mostrou-se diferente. Pelos depoimentos apresentados na ocasião, foi possível constatar que os alunos envolvidos na pesquisa resignificaram seu lugar, valorizando-o. A decorrência concreta dessa investigação esteve associada à produção de material didático, para apoio aos professores dos anos iniciais de escolarização no Ensino Fundamental, que trabalham nessas localidades⁵.

Além da resignificação dos lugares dos alunos, foi possível constatar que essa ocasião permitiu estabelecer inferências sobre o processo de produção do espaço em escala mundial. Tal constatação atestou que o lugar é, efetivamente, uma via concreta para a compreensão do processo de organização espacial, que ocorre em escala mundial como decorrência da produção e reprodução dos espaços. Nesse sentido, a pesquisa mostrou que o lugar é a via de articulação local-global passível de compreensão ao indivíduo para sua tomada de posição frente ao mundo.

A pesquisa identificou, ainda, a importância do conhecimento do lugar para a formação de professores e alunos, evidenciando um novo papel aos processos educativos efetuados no âmbito da escola: o desenvolvimento de capacidades para refletir sobre os padrões que são estabelecidos, de resistir àqueles que se distanciem das expectativas sociais de cada grupo social, em consonância com suas características intrínsecas e principalmente, de propor alternativas e soluções que estejam adequadas ao contexto social da própria comunidade. Nessa perspectiva, a realização dessa investigação serviu, fundamentalmente, à reflexão sobre o papel na educação promovida pela escola, por meio do campo disciplinar da Geografia, frente aos desafios estabelecidos pela contemporaneidade.

Diante do exposto, pode-se concluir que a educação contemporânea, diante do desafio de promover a formação de um cidadão para uma sociedade mais justa e

igualitária, assume uma responsabilidade que envida esforços, que podem ser conjugados de um modo efetivo e eficiente, também, no âmbito da escolarização. Nesse contexto, o conceito de lugar apresenta-se como um elemento de mediação para que tal responsabilidade seja assumida.

Notas

¹ Aqui foram consultadas a Administração Regional da cidade (espécie de prefeitura, vinculada ao governo do DF), Museu Vivo da Memória Candanga, Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal, Arquivo Público do DF e Companhia de Desenvolvimento do Planalto/Codeplan.

² Transformadas em cartogramas.

³ Referem-se às pessoas que estão presentes na comunidade, ao longo de anos, no desempenho de alguma função. Aqui surgiram o pipoqueiro da praça, o porteiro da escola, o motorista de ônibus, entre vários outros que se constituem na memória viva da cidade, atestando sua própria evolução.

⁴ Refiro-me aquela geografia de base positivista sobre o qual se edifica o pensamento geográfico tradicional, dando-lhe unidade. Essa geografia reduziu a realidade aos aspectos visíveis da paisagem, por meio da observação, descrição, enumeração e classificação dos fatos referentes a paisagem. Daí a ênfase na fisiografia da Terra (o meio físico da paisagem) e na fragmentação (relevo, hidrografia, vegetação...), considerados sem relação de causa e efeito entre si e principalmente, em relação à ação antrópica.

⁵ Nos anos iniciais de escolarização os conteúdos em geografia estudam o lugar da criança em diversas escalas. Nesse sentido, são comuns abordagens que partem de sua realidade imediata (família, casa, bairro) para realidades mais complexas (cidade, município, estado, região, país, continente). No caso do Distrito Federal esse é um elemento de dificuldade à aprendizagem nesse campo disciplinar, pelo fato de inexistirem histórias específicas sobre o lugar das crianças que vivem em outras localidades, que não Brasília (no sentido de não terem sido sistematizadas como material didático).

BIBLIOGRAFIA

1. BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Tradução Marcos Domingues. Porto Alegre: Artmed, 2001.
2. CALLAI, Helena Copetti. *Estudar o lugar para compreender o mundo*. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre/RS: Ed. Mediação, 2000, p.83-134.
3. CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008
4. CAPEL, Horacio. **Geografia Contemporânea: ciência e filosofia**. Tradução Jorge Ulisses Guerra Villalobos. Maringá/PR: Eduem, 2010.
5. CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

6. _____ **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
7. CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas/SP: Ed. Papirus, 2ª edição, 1998.
8. _____. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiania: Alternativa, 2002, p. 11- 27.
9. GONZÁLES, Xosé M. Souto. **Didáctica de la Geografía-Problemas sociales y conocimiento del medio**. Espanã: ediciones Del Serbal. 2ª Edicion, 1999.
10. HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 7ª edição. Rio de Janeiro: DPA, 2003.
11. LEITE, Cristina Maria Costa. **Geografia no Ensino Fundamental**. In: Universidade de Brasília/ Departamento de Geografia, Coleção Espaço e Geografia, Vol.5, N.º 2 , Gestão Urbana e Regional, Brasília: 2002.
12. _____ Relatório de Pesquisa – Projeto III: Identidade, Território e Paisagem. Universidade de Brasília/Faculdade de Educação/Departamento de Métodos e Técnicas, Brasília: 2007.
13. SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.
14. _____ **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.
15. TUAN, Yi-Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.
16. _____ **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983

Cristina Maria Costa Leite é geógrafa, doutoranda em Educação pela Universidade de Brasília, com mestrado em Gestão Ambiental e especializações em Gestão do Território e Sensoriamento Remoto. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, atua na formação de professores na área de Geografia e desenvolve projetos de pesquisa relacionados a identidade, território, paisagem e ensino de Geografia no contexto da Educação Básica. Integra o grupo de pesquisa “Pensamento e Cultura”, vinculado ao Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia/UnB - www.pedpos.ip.unb.br

Contatos:

criscostaleite@gmail.com

Departamento de Métodos e Técnicas
Faculdade de Educação
Universidade de Brasília
Campus Darcy Ribeiro
70.910-900 Brasília-DF Brasil
Tel: (61) 33012120/33072130 ramal: 176
Cel: (61) 81158300